

Adriana Mendes, Steffanie Schmidt,  
Thiago Paiva e Ullisses Campbell  
brasil@oglobo.com.br

► Maria, Jaqueline, Vânia, Regina. Em várias regiões do do Brasil, essas mulheres têm em comum uma realidade que voltou de um passado recente: a fome sobre a mesa. Banida do mapa brasileiro em 2013, ela retorna com mais força na pandemia.

Em Cuiabá, no Centro-Oeste, uma longa fila de pessoas que raspam ossos doados por um açougue chocou o país. Lá, o EXTRA descobriu histórias como a de Maria, que duas vezes por semana caminha 4km para buscar os restos de carne das entranhas de costelas para alimentar a família. No litoral do Ceará, Vânia cozinha o pouco que recolhe em sinais de trânsito para fazer o almoço sob uma tenda plástica onde passou a viver desde que perdeu o emprego e a casa. Na Ceagesp, grande atacadão de frutas e legumes frescos de São Paulo, Regina garimpa restos em caçambas de lixo que lhe garantirão uma



# A cara da fome

Pratos feitos com alimentos doados ou coletados no lixo são realidade que cresce

sopa com carne de segunda moída e fracionada para o mês, comprada quando chegam os R\$ 150 do Bolsa Família. Em Manaus, nas franjas da Amazônia, que guarda uma das maiores riquezas em biodiversidade do mun-

do, a mesa de Jaqueline não tem peixes de igarapés, mas o pouco que chega em doações da igreja Deus é Amor. Na terça-feira, teve macarrão com salsicha: um luxo, já que moradores da cidade vasculham o chão coberto de

refugo de peixe nas feiras Manaus Moderna e Panair.

Os pratos que saem desse garimpo diário atrás de comida estão longe de satisfazer as necessidades mínimas do corpo humano. Somando-se a vergonha da falta de di-

nheiro para comprar o que comer, o custo que essas refeições passam a ter é ainda mais alto. A mãe de Regina, cega, aos 80 anos, pediu que o almoço, da semana passada, vindo do refugo de feirantes e supermercados, não

fosse fotografado.

De 2014 a 2019, o número de pessoas que dizem não ter dinheiro para comida subiu de 17% para 30%. A proporção entre mulheres chega a 33%. São elas que predominam nas longas, e muitas vezes frustrantes, jornadas por comida nas ruas. Para o economista Marcelo Neri, diretor do FGV Social na Fundação Getulio Vargas, que há anos estuda a face da nossa pobreza, o Brasil, com base nos indicadores econômicos, já voltou ao mapa da fome. Só falta a ONU dizer.

— Nossos indicadores, que já estavam ruins, despenca-ram com a pandemia — diz.

A renda média do trabalhador, incluindo desempregados e informais, caiu 11% entre 2020 e 2021. Para os pobres, como Maria, Vânia, Jacqueline e Regina, a queda foi o dobro, de 21%. Para eles, a inflação, nos últimos 12 meses, foi de 10%, segundo Neri, três pontos acima da que ataca a renda dos mais ricos. Somos quase 30 milhões de pobres, e o número não para de crescer. ■